

## SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE O USO DO “SE”: APASSIVADOR VERSUS ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO<sup>1</sup>

JÚLIA GABOARDI BODANESE<sup>2</sup>, MARINA ÁUREA DA SILVA<sup>3</sup>, ALINE PEIXOTO GRAVINA<sup>4</sup>

### 1. Introdução

Esta pesquisa apresenta uma sequência didática voltada para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, cujo objetivo é promover a compreensão e diferenciação entre o uso da partícula “se” como apassivador, que dá origem à chamada voz passiva sintética, e como índice de indeterminação do sujeito, característico de construções impessoais. A proposta surge como desdobramento do Trabalho de Conclusão de Curso de Marina Aurea da Silva (2017), intitulado *O uso de orações passivas sintéticas na escrita acadêmica*, e fundamenta-se nas metodologias ativas defendida por Pilati (2017), priorizando a valorização dos saberes linguísticos dos alunos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que o estudo das orações passivas deve ser contemplado no ensino fundamental e médio, indicando que os alunos devem ser capazes de identificar e utilizar construções passivas e impessoais, reconhecendo seus efeitos de sentido nos textos (BRASIL, 2018). Nesse processo, a voz passiva sintética é um ponto central. Ela ocorre quando o verbo transitivo direto aparece acompanhado do “se”, deslocando o sujeito para a posição de paciente. Por exemplo: *Vendem-se livros usados*. Nessa construção, “livros usados” é o sujeito paciente da oração e o “se” funciona como partícula apassivadora. Já o índice de indeterminação do sujeito se manifesta quando o “se” acompanha verbos intransitivos, de ligação ou transitivos indiretos, impedindo a formação de uma passiva. Nesse caso, o verbo permanece na terceira pessoa do singular e a oração adquire caráter impessoal, como em *Precisa-se de voluntários*.

Apesar de a gramática normativa delimitar essa diferença, na prática o uso da partícula

<sup>1</sup>Título original do subprojeto aprovado no Edital de concessão da bolsa: *Estudo das passivas sintéticas em produções formais da escrita*.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras – Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó. Bolsista de Iniciação Científica desde março de 2025. Grupo de Pesquisa: Sintaxes. Contato: [juliagaboardi96@gmail.com](mailto:juliagaboardi96@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Letras – Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó. Ex-bolsista de Iniciação Científica. Contato: [marina.aurea@uffs.edu.br](mailto:marina.aurea@uffs.edu.br)

<sup>4</sup> Professora do Curso de Letras – Português e Espanhol, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Chapecó. Orientadora.

“se” representa uma dificuldade recorrente para falantes e escritores do português. Muitas vezes o critério semântico se sobrepõe ao sintático, levando à interpretação equivocada do “se” como marcador de agente e a erros de concordância, como em *Vende-se casas*, em casos como este, a tendência dos falantes é interpretar o “se” como índice de indeterminação, o que mostra a complexidade do fenômeno. O “se” passivador não se produz naturalmente na fala cotidiana, ele é característico da modalidade escrita e depende de escolarização para ser aprendido. Como defende Furtado da Cunha (2000), textos acadêmicos e formais tendem a apresentar com maior frequência estruturas complexas, como a voz passiva, devido à influência da norma padrão vinculada a contextos de maior escolarização. Nesse sentido, compreender e diferenciar o “se” passivador do “se” indeterminador é fundamental para que estudantes consigam manejar adequadamente essas construções na escrita.

Diante desse quadro, este trabalho justifica-se pela grande dificuldade que os alunos da Educação Básica apresentam em reconhecer e empregar corretamente a partícula “se” em seus diferentes usos. A proposta de uma sequência didática fundamentada nas metodologias ativas (Pilati, 2017) busca oferecer uma abordagem que promova a consciência linguística e o aprendizado significativo da gramática, articulando a norma padrão aos usos reais da língua.

## 2. Objetivos

- Promover a compreensão da diferença entre o uso do “se” como partícula passivadora e como índice de indeterminação do sujeito.
- Desenvolver a habilidade de aplicar essas estruturas em situações reais de uso da língua.
- Ampliar a consciência linguística dos alunos, favorecendo a apropriação significativa da norma padrão e da diversidade linguística.

## 3. Metodologia

A sequência didática foi estruturada em quatro etapas. Inicialmente, aplicaram-se perguntas diagnósticas com o objetivo de levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o uso do “se”. Em seguida, realizou-se a análise de frases retiradas de Trabalhos de Conclusão de Curso, acompanhada de atividades de reescrita em voz passiva analítica. A terceira etapa consistiu em um jogo de baralho gramatical, no qual os estudantes construíram frases com a

partícula “se” e classificaram sua função sintática. Essa atividade buscou estimular os estudantes a refletirem sobre a função da partícula, distinguindo-a como apassivadora ou como índice de indeterminação do sujeito. Abaixo, apresenta-se um exemplo de carta utilizada no jogo.

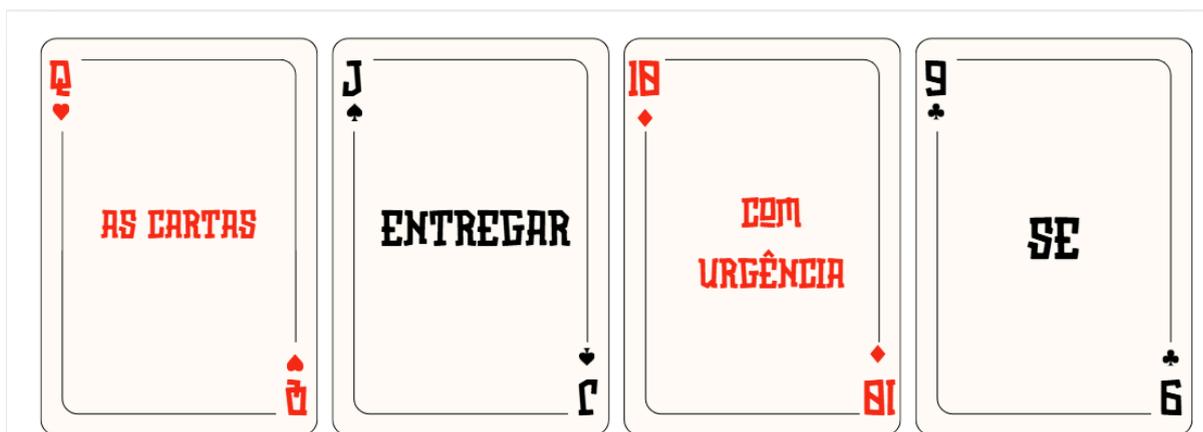


Figura 1 – Modelo das cartas utilizadas no jogo gramatical.

Por fim, desenvolveu-se uma atividade de produção de anúncios, elaborados a partir da leitura da crônica *Vende frango-se*, de Martha Medeiros, relacionando a norma gramatical aos usos reais da língua. Todas as atividades fundamentaram-se na aprendizagem ativa proposta por Pilati (2017), priorizando o protagonismo dos alunos e a articulação entre gramática e práticas reais de linguagem.

Vale destacar que, conforme discutido na introdução, a forma passiva sintética não é comum na oralidade e, quando aparece, geralmente apresenta desvios relacionados à concordância verbo-sujeito e à interpretação equivocada da função da partícula “se”. Por isso, a opção pela metodologia ativa justifica-se na necessidade de aproximar o ensino da gramática da experiência concreta dos alunos, oferecendo materiais concretos, como as cartas do jogo, que favorecem a reflexão sobre o funcionamento da língua. As quatro etapas descritas estão em consonância com o que Pilati (2017, p. 118-119) propõe no capítulo 4 sobre a elaboração de sequências didáticas, elas organizam o processo de ensino em atividades progressivas, que partem dos conhecimentos prévios dos alunos, passam pela análise de materiais reais, avançam para a prática em produções próprias que consolidam a aprendizagem.

#### 4. Resultados e Discussão

A criação da sequência didática buscou evidenciar, por meio de situações concretas, o funcionamento da partícula “se” em diferentes construções. A análise de frases acadêmicas foi pensada para permitir que os alunos identificassem e reescrevessem estruturas em voz passiva analítica, compreendendo as diferenças entre o uso do “se” como apassivador e como índice de indeterminação do sujeito. O jogo de baralho foi concebido como uma estratégia capaz de mobilizar saberes linguísticos de forma lúdica e interativa, estimulando os estudantes a construir frases variadas, justificar suas escolhas e refletir sobre a transitividade verbal. Na etapa final, a leitura da crônica *Vende frango-se* foi planejada para provocar uma reflexão crítica sobre os usos reais da língua e, em continuidade, a produção de anúncios consolidaria a apropriação das regras gramaticais em contextos do cotidiano.

#### 5. Conclusão

A sequência didática elaborada espera favorecer a apropriação significativa das regras normativas. Importa destacar que esta proposta não foi aplicada, mas sim criada como um material pedagógico a ser utilizado em sala de aula. Nesse sentido, não se trata de substituir o livro didático ou as práticas já consolidadas pelo professor, mas de oferecer uma alternativa que amplia e enriquece os recursos disponíveis para o ensino da gramática. Como ressalta Pilati (2017), sequências didáticas devem ser pensadas como instrumentos que dialogam com o que já é realizado em sala, fortalecendo a articulação entre teoria e prática e promovendo um aprendizado mais efetivo.

#### Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A complexidade da passiva e as implicações pedagógicas do seu uso. *Linguagem & Ensino*, v. 3, n. 1, p. 7-116, 2000.

PILATI, Eloisa. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SILVA, Marina Áurea da. *Análise da partícula “se” em textos acadêmicos: passiva sintética ou sujeito indeterminado?* Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português e Espanhol – Licenciatura). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus

Chapecó, 2024.

**Palavras-chave:**

voz passiva sintética; índice de indeterminação; ensino de gramática; aprendizagem ativa.

**Nº de Registro no sistema Prisma: PES-2024-0514**

**Financiamento**

